



ESTADOS UNIDOS

Guerra a Harvard

Presidente Trump ameaça pôr fim à isenção fiscal de uma das mais renomadas universidades do mundo, caso não encerre a política de diversidade, equidade e inclusão, depois de congelar US\$ 2,2 bi em verbas. Especialistas criticam medidas

» RODRIGO CRAVEIRO

Donald Trump resolveu dobrar a aposta e intensificou a ameaça contra Harvard, uma das mais prestigiosas e a mais antiga universidade dos Estados Unidos, fundada há 389 anos. "Talvez Harvard devesse perder seu status de isenção fiscal e ser taxada como uma entidade política se continuar promovendo a 'doença' inspirada em política, ideologia e terrorismo? Lembre-se, o status de isenção fiscal depende totalmente da ação pelo interesse público!", escreveu o presidente republicano em seu perfil na sua plataforma Truth Social. Trump exige que a universidade desmantele seu programa de diversidade, limite protestos estudantis e se submeta a extensas auditorias federais para ter direito ao financiamento do governo.

Mais tarde, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, declarou: "Em primeiro lugar, todas essas instituições devem seguir a legislação federal, e o presidente Trump quer ver Harvard se desculpar". "Harvard deveria se desculpar pelo antisemitismo flagrante" em seu câmpus, acrescentou. Na segunda-feira, o Departamento de Educação anunciou o congelamento de US\$ 2,2 bilhões (cerca de R\$ 12,98 bilhões) em subsídios federais para Harvard, durante vários anos, e rescindiu contratos plurianuais em torno de US\$ 60 milhões (ou R\$ 358 milhões). Segundo a pasta, seria uma represália pela "inaceitável" interrupção dos estudos pelos protestos pró-Palestina e o "intolerável assédio a judeus".

A guerra contra Harvard é mais um capítulo da estratégia de Trump de combater as chamadas políticas DEI (diversidade, equidade e inclusão). O Executivo colocou de joelhos a Universidade de Columbia, em Nova York, que se rendeu às exigências do republicano, em troca de continuar recebendo US\$ 400 milhões (ou R\$ 2,3 bilhões) em fundos federais. Outras universidades,

Scott Elsen/Getty Images/AFP



Estudantes caminham pelo campus, em Cambridge (Massachusetts): fundada há 389 anos, universidade reúne nata do pensamento crítico

Eu acho...



"Trump alega que universidades são organizações políticas, por serem centros da liberdade acadêmica. Também porque ele percebe que a maioria dos professores e dos estudantes das maiores universidades não são favoráveis ao seu governo. Trump faz essas afirmações para justificar as medidas sem precedentes que tem tomado para punir as universidades e seus pesquisadores."

Alex Keyssar, professor de história e de política social da Universidade de Harvard

como a de Cornell e a da Pensilvânia, também sofreram bloqueios. Além das medidas financeiras, a Casa Branca ordenou a prisão e a deportação de estudantes contrários à guerra na Faixa de Gaza.

Harvard resiste ao assédio presidencial. Em mensagem enviada à comunidade acadêmica, Alan Garber, presidente da universidade,

assegurou que a instituição "não abrirá mão de sua independência nem de seus direitos constitucionais". "Nenhum governo — independentemente do partido no poder — deve ditar o que as universidades privadas podem ensinar, quem podem admitir e contratar, e quais áreas de estudo e pesquisa podem seguir",

comentou. Garber garantiu que a universidade está comprometida em combater o antisemitismo e pôs fim às admissões por critérios raciais, atendendo a uma decisão da Suprema Corte.

"Extorsão federal"

O conselho editorial do *The Crimson*, uma publicação que circula no meio acadêmico de Harvard, alertou que "nossos valores não estão à venda" e denunciou uma "extorsão federal". "Enquanto a Casa Branca tenta dizimar o ensino superior americano, esperamos que outras universidades se juntem a nós para fortalecê-lo."

Ao *Correio*, Alex Keyssar, professor de história e de política social da Universidade de Harvard, disse que Trump trava uma "guerra contínua" contra universidades e escritórios de advocacia. "Ele pretende tornar todas essas instituições

subservientes à sua facção política. A questão da isenção fiscal tornaria mais difícil para Harvard arrecadar fundos, pois as doações não seriam mais dedutíveis do imposto de renda. Certamente, isso acabará nos tribunais", previu. Keyssar adverte que muitas universidades privadas e públicas estão sob ameaça, ainda que as últimas dependam bastante das legislaturas estaduais.

David Pozen, professor de direito da Universidade de Columbia, afirmou ao *Correio* que Trump não tem autoridade para revogar o status de isenção fiscal de Harvard. "O Código da Receita Federal dos EUA isenta instituições de ensino do imposto de renda federal há muito tempo, e somente o Congresso pode alterá-lo", explicou. "Essa é a mais recente ameaça ilegal de um governo sem lei." Na segunda-feira, o palestino Mohsen Mahdawi — estudante da Columbia — foi preso pela Imigração.

Ataque às universidades

Como Trump tem punido as principais instituições de ensino superior dentro do combate às políticas DEI (diversidade, equidade e inclusão)



HARVARD
Suspensão de US\$ 2,2 bilhões e ameaça de fim da isenção fiscal.



COLUMBIA
Aceitou se render às exigências de Trump e espera reaver US\$ 400 milhões em fundos federais. Três estudantes foram detidos ou deportados, por suas posições pró-Palestina: Mohsen Madawi, Mahmoud Khalil e Yunseo Chung.



CORNELL
Congelamento de mais de US\$ 1 bilhão em financiamento e ordens de paralisação de trabalho do Departamento de Defesa relacionadas a pesquisas sobre defesa, saúde e cibersegurança.

PERU

Pedido de asilo político no Brasil

» RENATA GIRALDI

A ex-primeira-dama do Peru Nadine Heredia Alarcón, ex-mulher do ex-presidente Ollanta Humala (2011-2016), pediu asilo político no Brasil após ela e o ex-marido serem condenados a 15 anos de prisão pela Justiça por lavagem de dinheiro. Ela chegou, na manhã desta terça-feira (15/4), à Embaixada do Brasil em Lima. A informação foi confirmada, por comunicado nas redes sociais, pelo Ministério das Relações Exteriores do Peru.

O *Correio* apurou que, em situações assim, cabe ao Brasil aceitar o pedido de asilo da ex-primeira-dama, pois há um tratado com o Peru, desde 1954, que deve ser cumprido. O Ministério das Relações Exteriores do Peru informou ainda que está em comunicação sobre esta situação com o Itamaraty.

Nadine Heredia, quando primeira-dama, era considerada uma personagem política estratégica e influente. Ela usava as redes sociais para emitir opiniões, fazer análises e informar sobre atos do governo.

Humala e Nadine são acusados de enriquecimento ilícito por meio de repasses feitos pela construtora brasileira Odebrecht para sua campanha política em 2011. No total, teriam sido repassados cerca de US\$ 35 milhões em

LUKA GONZALES/AFP



Ollanta Humala e Nadine Heredia: pena de 15 anos de prisão

propinas em troca de construção de obras com a empresa em cidades peruanas. As operações teriam ocorrido entre 2011 e 2016. O casal nega as acusações. Os promotores pediram 20 anos de condenação.

Ao contrário de Ollanta Humala, Nadine Heredia não compareceu à audiência. Foi relatado que ele deveria acompanhar a sentença em sua casa em Surco, mas seu paradeiro ainda não havia sido confirmado, segundo os jornais do Peru. O ex-presidente e a mulher foram julgados e condenados pela 3ª Vara Colegiada do Tribunal Superior Nacional, comandada pela juíza

Nayko Coronado. Ambos foram sentenciados a 15 anos de prisão por lavagem de dinheiro no caso de contribuições ilícitas ao Partido Nacionalista durante as campanhas de 2006 e 2011.

A decisão judicial inclui, ainda, o cumprimento da sentença em regime fechado em dois presídios distintos até 28 de julho de 2039. Ambos terão que desembolsar dinheiro para pagar indenizações civis. Humala será transferido nas próximas horas para a prisão de Barbadillo, onde estão os ex-presidentes Alejandro Toledo (2001-2006) e Pedro Castillo (2021-2022).

ESTADO PALESTINO

Netanyahu alerta contra criação

Depois de Emmanuel Macron anunciar que a França reconhecerá, nos próximos dias, a existência de um Estado palestino, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, telefonou para o líder francês e dispensou meias-palavras. "Durante a conversa, o primeiro-ministro se opôs firmemente à criação de um Estado Palestino, dizendo que seria uma enorme recompensa para o terrorismo", declarou o gabinete do chefe de governo israelense. "O primeiro-ministro disse ao presidente francês que um Estado palestino estabelecido a poucos minutos de cidades israelenses se tornaria um bastião do terrorismo iraniano."

Macron publicou na rede social X que reiterou a Netanyahu o apoio da França à segurança de Israel e de seu povo. "A libertação de todos os reféns sempre foi uma prioridade máxima, assim como a desmilitarização do Hamas. Expressei minha posição muito claramente: o cessar-fogo é a única maneira de garantir a libertação dos reféns ainda mantidos pelo Hamas", explicou. O francês também pediu a "a abertura de todos os pontos de passagem para a ajuda humanitária". "E nesse contexto que estou sugerindo a Conferência de junho" que a França copresidirá na ONU com a Arábia Saudita, "levando em conta os interesses de segurança de Israel e de todos na região", emendou Macron.

Omar Al-Qattaa/AFP



Moradores da Cidade de Gaza, no bairro de Nasr destruído

Isolamento

Em entrevista ao *Correio*, Ibrahim Alzeben, embaixador da Palestina no Brasil, disse que Netanyahu "pensa apenas em si mesmo e em sua posição, e encontra poucos aventureiros ao seu lado". "Ele está expondo Israel a mais isolamento e ódio no mundo e aumentando a enorme escala de vítimas inocentes e destruição em Gaza e em todos os territórios palestinos ocupados. Com seu comportamento e seu desafio ao presidente francês, ele expande esse círculo para incluir a França e o presidente Macron", opinou.

Alzeben destacou que a posição de Macron "está em consonância com o direito internacional e com o consenso sobre a importância de reconhecer e materializar o Estado da Palestina como início de uma solução mais ampla e da paz em toda a região". "A França e seu presidente estão certos, e Netanyahu e o genocídio contra o povo da Palestina estão chegando ao seu inevitável fim", disse o diplomata palestino. O *Correio* entrou em contato com o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, mas ele afirmou que não poderia comentar a conversa entre Macron e Netanyahu. (Rodrigo Craveiro)